

25 SET 1985

OPINIÃO

*Sarney*  
Brandura e  
coerência

AUSTREGESILO  
DE ATHAYDE

Devem estar decepcionados os que chegaram a acreditar que o Presidente do Brasil, abrindo os debates gerais da quadragésima Assembléia Geral da ONU, baixaria a viseira e do ponto em branco soltaria um grito de guerra contra as potências industrializadas e ricas. Uma posição ridícula de cossaco como a do falecido Kruschev, que tirou os sapatos e bateu com eles na tribuna desafiando o mundo capitalista. O Brasil não foi nunca de semelhantes destemperos e jamais perdeu a noção da dignidade da palavra, utilizando-se dela sempre para discutir e negociar, como convém à racionalidade da espécie de que somos parte. Em nenhuma circunstância os que falam legítima e autenticamente em nosso nome perdem a noção de que a diplomacia tem os seus cânones e faltar a eles é comprometer a sisuda respeitabilidade do convívio entre as nações. O confronto e a intransigência provocativa jamais entraram no manual que regula a ação diplomática do Brasil.

O discurso pronunciado pelo presidente José Sarney, em ocasião de tamanha solenidade, quando falava para o mundo, distingue-se pela firmeza vencedora e pela clarividência com que apresentou os temas essenciais a serem debatidos pela Assembléia. Rigoroso na substância, suave no modo, como era o conselho de Grotius, expondo as regras da diplomacia contemporânea. Para pôr na balança a espada do Brenno é indispensável possuir o respaldo de uma força que não os possui. A nossa espada é o irrefragável poder da lógica que sabemos esgrimir pela prática de cento e cinquenta anos de convívio pacífico com o mundo.

A arte brasileira de negociar inspira-se no jeitinho instintivo. Está nas raízes mais profundas da nacionalidade em sua história singular. Talvez única. O êxito do presidente Sarney em sua oração de ontem está na sabedoria com que temperou a visão realista dos problemas expostos, a postura persuasiva de quem está certo de que a veemência do discurso não está na dureza das palavras e sim na cartesiana claridade do contexto. Tudo na linha de uma exemplar coerência do que foi dito ontem com o que dissemos hoje e certamente haveremos de dizer amanhã.

CORRÍO BRAZIL  
LIT. 13